

Desconstruindo o estigma do paciente psiquiátrico: relato de experiência de um estágio de saúde mental

Palavras-chave: Psiquiatria, Internato e Residência, Estigma Social.

Introdução

As doenças psiquiátricas sempre fizeram parte da história da humanidade e de acordo com o momento histórico foram interpretadas de diferentes formas (FERREIRA; CARVALHO, 2017). Ao acompanhar a história da loucura, na Idade média ela era atribuída a possessão demoníaca e logo no século XIX passa a ser vista como doença, tornando-se objeto estudo da ciência (FIGUEIRÊDO; DELEVATI; TAVARES, 2014).

Pessoas com transtornos mentais ainda são vítimas de preconceito e, apesar dos grandes avanços no campo da saúde mental, a realidade não mudou muito. Pacientes psiquiátricos precisam conviver com os sintomas de suas doenças e com eventuais efeitos colaterais do tratamento, além de serem obrigados a lidar com as repercussões negativas da estigmatização em suas vidas no âmbito pessoal e profissional (ROCHA; HARA; PAPROCKI, 2015).

Estudantes de medicina não são imunes à estigmatização de pacientes com transtornos mentais. Um estudo brasileiro que avaliou de maneira quantitativa a diminuição do estigma dos alunos de medicina em relação à doença mental após estágio em um hospital psiquiátrico, observou estigma na amostra analisada e após o estágio ocorreu uma diminuição significativa em 3 quesitos avaliados (medo, periculosidade e piedade) (FEIJÓ et al., 2019).

Objetivos

O presente estudo teve o objetivo de relatar a experiência de acadêmicos de medicina durante o estágio obrigatório de Saúde Mental do internato e suas contribuições para diminuição do estigma do paciente psiquiátrico.

Métodos

Este estudo caracteriza-se como descritivo, tipo relato de experiência, desenvolvido com base na vivência de estudantes do nono período de Medicina de uma universidade do Nordeste brasileiro durante a prática do estágio obrigatório de Saúde Mental.

O estágio de Saúde Mental ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, nesse período os estudantes passaram pelos seguintes locais de prática: enfermaria e emergência de um hospital psiquiátrico, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e pelos ambulatórios de psiquiatria adulto e pediátrico.

Nas atividades da enfermaria psiquiátrica, os estudantes participavam das discussões de casos clínicos e auxiliavam os residentes de psiquiatria no acompanhamento e evolução dos pacientes internados. No serviço de emergência psiquiátrica, os estudantes auxiliavam os médicos plantonistas e por vezes conduziam o atendimento sob supervisão. E nos ambulatórios, os estudantes junto aos residentes atendiam pacientes adultos e pediátricos.

No CAPS, os estudantes eram responsáveis pela elaboração de uma atividade semanal com os usuários e também participavam e auxiliavam nas atividades desenvolvidas pelos profissionais de saúde do local.

Resultados

O acompanhamento na enfermaria do hospital psiquiátrico de referência do Estado deu-se de forma longitudinal, permitindo a intervenção do estagiário ao longo da evolução do caso do paciente. A oportunidade de acompanhar diariamente os pacientes internos, com prescrição de medicações, análise dos seus efeitos e consequente ajuste de doses, bem como o atendimento psiquiátrico e a observação dos resultados obtidos com a terapêutica evidenciou-se como de grande impacto para os acadêmicos envolvidos. De modo que na maioria dos casos a comparação entre o quadro clínico do paciente na admissão e após a abordagem terapêutica se mostrou de significativa mudança e gradual melhora.

O período destinado à emergência psiquiátrica proporcionou uma enriquecedora experiência, por introduzir os acadêmicos a um vasto leque de alterações da função mental e motricidade, a exemplo de delírios, alucinações, embotamento afetivo, ideação suicida, agitação psicomotora e convulsões. Parte dos pacientes atendidos possuíam diagnóstico prévio, mostrando-se prevalentes distúrbios como esquizofrenia, transtorno bipolar, depressão, transtorno por abuso de substâncias e transtorno de ansiedade generalizada. Ensinou, também, a lidar com as questões burocráticas hospitalares relativas ao atendimento médico, à internação hospitalar, ao encaminhamento e à prescrição médica. Percebe-se que os acompanhamentos neste ambiente permitiram familiaridade dos alunos com tais quadros e os capacitaram para abordagem profissional futura frente a tais situações.

Quanto ao acompanhamento ambulatorial, entre as consultas acompanhadas na psiquiatria infantil notou-se predominância de pacientes com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou transtornos de personalidade, em especial o Transtorno Borderline. Tratando-se da saúde mental de crianças e adolescentes, as manifestações clínicas, a conduta terapêutica e o manejo durante o atendimento apresentam particularidades que requerem atenção diferenciada. O estágio foi a primeira oportunidade de contato com esse público, sendo construtiva e marcante a experiência. Já no setor adulto, os principais distúrbios acompanhados foram transtorno de ansiedade, de humor e esquizofrenia, com seguimento dos pacientes a médio e longo prazo. Como são indivíduos com maior estabilidade do quadro, as alterações psiquiátricas apresentadas foram menos perceptíveis que as dos pacientes na emergência, permitindo uma maior aproximação e diálogo entre o paciente e o acadêmico. O contato com pacientes em acompanhamento ambulatorial, independente da especialidade médica, expõe o estudante à manutenção e conciliação de uma vida funcional dentro das limitações impostas por cada doença. Especialmente na saúde mental, tal convivência é de fundamental importância no combate à estigmatização do paciente psiquiátrico, contribuindo para a construção de uma visão pautada na realidade dessas pessoas como indivíduos e não limitados à doença.

Ao que concerne ao estágio no CAPS, a inserção dos estagiários na rotina dos usuários permitiu a participação em atividades do centro e percepção do impacto que cada atividade possui em suas vidas. Nesse sentido, os estudantes também foram responsáveis por confeccionar e elaborar algumas ações voltadas para os usuários, justamente no

intuito de impactar positivamente no seu prognóstico e corroborar com a terapêutica. Percebeu-se que foi neste ambiente que ocorreu distinta ligação com os pacientes, de modo a aprimorar uma relação de familiaridade com olhar mais humanizado ao manter contato diário com um mesmo grupo de usuários. Tal experiência foi essencial para ajudar a combater o preconceito referente aos pacientes psiquiátricos e seguramente impactará positivamente na postura dos estudantes enquanto futuros profissionais.

Além das atividades práticas, o estágio em psiquiatria também contou com carga horária teórica, composta principalmente por seminários e discussões em rodas de conversa acerca de casos clínicos, de conteúdos referentes a psicofarmacologia e a Aproximação à Prática Médica (APM). Esta contribuição teórica complementou a vivência no estágio, ampliando a compreensão dos estudantes de forma mais direcionada à prática clínica. Entre as diversas atividades executadas, destaca-se a apresentação da anamnese completa realizada pelos alunos com um usuário do CAPS. Essa tarefa em particular permitiu o aprofundamento na história da doença e na história de vida do entrevistado. O diálogo aliado ao contato diário no CAPS permitiu a construção de uma relação de confiança bidirecional e intensificou a dissolução da barreira imposta pelos estigmas entorno dos pacientes psiquiátricos. A apresentação da anamnese à turma se deu de forma colaborativa e construtiva. Assim, além de gerar uma discussão quanto ao caso clínico, os acadêmicos puderam receber uma devolutiva detalhada e complexa que gerou aprendizado para todos os envolvidos presentes.

As discussões das rodas de conversa de APM, além de abordarem temáticas como empatia, respeito e ética, possuíam sempre um espaço reservado para os alunos conversarem a respeito das expectativas referentes à saúde mental e à experiência no estágio. Durante os primeiros encontros, os estudantes compartilharam seus receios e, como para muitos o estágio representava o primeiro contato - declarado - com transtornos mentais, “medo” e “insegurança” faziam-se presentes. No decorrer dos meses, a transformação foi nítida individual e coletivamente. Percebeu-se que os acadêmicos passaram a conseguir se distanciar do preconceito e se conectar com os pacientes de uma forma mais completa, com um olhar mais sensível.

Conclusões

Percebe-se que o estágio obrigatório da graduação de medicina em Saúde Mental foi uma experiência singular na formação dos futuros profissionais médicos, de modo a permitir o contato direto com os pacientes psiquiátricos e a quebra de estigma com as condições mentais. Conclui-se que este atuou fortemente no empoderamento dos estagiários para tomar condutas na sua vida profissional que possam impactar de forma humanizada e eficaz no prognóstico destes pacientes.

Nota-se, ainda, que a vivência psiquiátrica nesses diferentes ambientes nos permitiu o convívio com paciente em diferentes estágios de controle da doença. Isso resultou na amenização do preconceito com a área e a percepção de que qualquer indivíduo pode ser acometido por uma doença mental, inclusive estudantes de medicina.

Agradecimentos

Agradecimento a todos que contribuíram para a realização das atividades do estágio, em especial aos pacientes por confiarem, por compartilharem suas histórias e por acolherem os estudantes com tanto carinho. O incentivo, a paciência e a dedicação dos professores

e residentes também foram fundamentais para o aproveitamento completo da experiência. Por fim, mas não menos importante, um agradecimento aos funcionários das instituições envolvidas por toda a receptividade e a assistência aos acadêmicos. Cada um dos envolvidos ajudou na formação dos alunos como futuros médicos e proporcionou grande crescimento pessoal.

Referências

1. FEIJÓ, L. P. et al. Diminuição do Estigma sobre Transtorno Mental após Internato em Psiquiatria do Curso de Medicina de Duas Instituições em Fortaleza (CE). *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 4, p. 141 – 150, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbem/v43n4/1981-5271-rbem-43-4-0141.pdf>. Acesso em: 14 set 2020.
2. FERREIRA, M. dos S.; CARVALHO, M. C. de A. ESTIGMA ASSOCIADO AO TRANSTORNO MENTAL: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE SUAS CONSEQUÊNCIAS. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, v. 6, n. 2, p. 192 – 201, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/1094/698>. Acesso em: 14 set 2020.
3. FIGUEIRÊDO, M. L. de R.; DELEVATI, D. M.; TAVARES, M. G. Entre Loucos e Manicômios: História da Loucura e a Reforma Psiquiátrica no Brasil. *Ciências Humanas e sociais*, Maceió, v. 2, n. 2, p. 121 – 136, Novembro 2014. ISSN 2316672X. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/viewFile/1797/1067>. Acesso em: 14 set 2020.
4. ROCHA, F. L.; HARA, C.; PAPROCKI, J. Doença mental e estigma. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 25, n. 4, p. 590 – 596, 2015. Disponível em: <http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/1876>. Acesso em: 14 set 2020.